

Padrões de preposições em complementos locativos de verbos de movimento

Patterns of prepositions for locative complements of movement verbs

Patrones de preposiciones em complementos locativos de verbos de movimiento

Fernanda Gabrielle Costa Rodrigues

Universidade Federal de Sergipe (UFS/Brasil)

rodriguesfernanda@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8060-8769>

Raquel Meister Ko. Freitag

Universidade Federal de Sergipe (UFS/Brasil)

rkofreitag@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RESUMO

As preposições que regem complementos locativos de verbos de movimento no português brasileiro estão em variação, com efeitos de prescritivismo: *a* e *para* são consideradas formas bem avaliadas socialmente para este contexto, enquanto *em* é corrigida, direção que é evidenciada por estudos de natureza sociolinguística. A observação do comportamento variável destas preposições que, neste contexto, têm seu traço de significado característico neutralizado, configurando um domínio funcional variável com formas em competição em uma amostra de fala universitária mostra a força prescritivista. Dos 1041 contextos de ocorrências com complementos locativos de verbos de movimento, 71% é de *para*, 24% de *em* e 5% de *a*. A análise por aprendizado supervisionado de máquina valida os

* Sobre as autoras ver página 156



traços controlados como variáveis nos estudos prévios. Este resultado reforça a importância de estudos de emergência de padrões linguísticos associados aos efeitos sociais, sinalizando o efeito da consciência sociolinguística na emergência da gramática.

PALAVRAS-CHAVE: Preposição; Verbo de movimento; Aprendizado de máquina; Português brasileiro.

ABSTRACT

Prepositions governing locative complements of movement verbs in Brazilian Portuguese are in variation, with prescriptivist effects: a and para are considered socially well-evaluated forms, while em is corrected, a direction showed by sociolinguistic studies. The variable behavior of these prepositions is a variable functional domain with competing forms in a university spoken sample that demonstrates the prescriptivist effect. In 1041 contexts of occurrences of locative complements of movement verbs, 71% is para, 24% is em, and 5% is a. Analysis by supervised machine learning validates the features controlled as variables in previous studies. This result reinforces the importance of studies of language pattern emergence associated with social effects, highlighting the force of sociolinguistic awareness on grammar emergence.

KEYWORDS: Preposition; Movement verb; Machine learning; Brazilian portuguese.

RESUMEN

Las preposiciones que gobiernan los complementos locativos de los verbos de movimiento en el portugués brasileño están en variación, con efectos prescriptivistas: a y para son consideradas formas socialmente bien valoradas, mientras que em es corregida, una dirección mostrada por los estudios sociolingüísticos. El comportamiento variable de estas preposiciones es un dominio funcional variable con formas en competencia en una muestra hablada universitaria que demuestra el efecto prescriptivista. En 1041 contextos de ocurrencias de complementos locativos de verbos de movimiento, el 71% es para, el 24% es em y el 5% es a. El análisis mediante aprendizaje automático supervisado valida los rasgos controlados como variables en estudios anteriores. Este resultado refuerza la importancia de los estudios de emergencia de patrones lingüísticos asociados a efectos sociales, destacando la fuerza de la conciencia sociolingüística en la emergencia de la gramática.

PALABRAS-CLAVE: Preposición; Verbo de movimiento; Aprendizaje automático; Portugués de Brasil.

1 Introdução

Estudos de orientação sociofuncionalista assumem que padrões linguísticos emergem do uso e que esse uso é socialmente motivado. A observação dos padrões é privilegiada em amostras linguísticas que permitam identificar as forças sociais que atuam na emergência do fenômeno, situação em amostras de fala constituídas sob a perspectiva da sociolinguística variacionista no modelo de “banco de dados” (FREITAG, 2016a). No entanto, as pistas das forças sociais que atuam na emergência de padrões linguísticos também podem ser observadas em outras dimensões, como na dimensão cognitiva, com a consciência linguística, e na dimensão societal, com a avaliação social das formas/funções emergentes.

Todos os falantes de uma língua desenvolvem consciência sobre ela, em diferentes níveis da gramática e da sua relação com o uso, envolvendo, também a consciência sociolinguística (FREITAG, 2020, 2021). O nível de consciência desempenha papel ao alçar as variantes que são sujeitas à correção. Pode ser observado pelo tratamento societal da variação (FREITAG, 2016b; FREITAG et al., 2016) e mobiliza efeitos do prescritivismo (a cultura da correção e da “caça ao erro” inexistente, e *mock language*, por meio de piadas e memes).

A diversidade de evidências para o estudo de um fenômeno linguístico emergente e variável requer, também, diversidade metodológica. Assumindo a natureza probabilística da língua, uma investigação de natureza sociofuncionalista precisa considerar a produtividade do fenômeno, medida em taxa de ocorrência, e o efeito de motivações que atuam na emergência do fenômeno, por associação. A generalização de projeções de padrões de uso de uma amostra linguística de uma comunidade para a gramática de toda a comunidade demanda a adoção de técnicas estatísticas que considerem a acurácia da identificação dos padrões, o que pode ser obtido com o uso de inteligência artificial (FREITAG et al, 2021) e recursos de aprendizagem supervisionada, por meio de árvores de inferências condicionais (FREITAG; PINHEIRO, 2020).

Nos empreendimentos de descrição linguística do português brasileiro, como o do NURC, o falar universitário remetia ao que consideramos como “fala culta”. Atualmente, com a democratização do acesso ao ensino superior, a universidade é o espaço em que as ditas “norma culta” e “norma popular” passam a manter um contato cada vez mais próximo, em um processo de reconfiguração da norma, o que é objeto do projeto *Como Fala, Lê e Escreve o Universitário* (FREITAG, 2018), que visa investigar como se configura a norma culta do século XXI, já que a fala universitária atual, resultado das políticas de democratização do acesso e interiorização da educação superior, não é homogênea e é modelada pelas práticas.

Processos de variação e mudança linguística são sensíveis a padrões normativos e ao prescritivismo (que é mais saliente em contextos de maior

escolarização), o que pode ser observado por meio de evidências societárias. A identificação de padrões de uso, com novas técnicas de análise, pode ampliar o poder explanatório de estudos de orientação sociofuncionalista para a descrição de fenômenos emergentes. Neste texto, apresentamos uma análise de um fenômeno variável, em que diferentes formas podem expressar a mesma função, que é sensível a efeitos de prescritivismo, que pode atuar no condicionamento do fenômeno, que é a regência variável de complementos locativos de verbos de movimento no português brasileiro.

2 O fenômeno

A variação das preposições *a*, *para* e *em* na regência de complementos locativos de verbos de movimento é um fenômeno que remete ao Latim e dura até os dias de hoje (ROCHA LIMA, 1969). Na língua portuguesa, podemos dizer:

- (1) a. Vou *na* casa da minha mãe
- b. Vou *para* a casa da minha mãe
- c. Vou *à* casa da minha mãe

Gramáticos como Almeida (1999, p. 337) dizem que “não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*”; a preposição indicada, nesse caso, seria a preposição *a*. Dias (1984) salienta que as preposições *a* e *para* são termos de movimento com pequenas diferenças entre si: *a* apresenta ideia de movimento ao passo que *para* indica movimento com demora no lugar (Vou para São Paulo). Alguns gramáticos como Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009) já arrolam a preposição *em* como termo de movimento, mas salientam que esse uso é preterido.

Apesar das prescrições gramaticais, o uso de *a* tem diminuído em relação ao uso de *em* e *para* (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; VALLO, 2003; WIEDEMER, 2008; VIEIRA, 2009; ASSIS, 2011). As análises de Mollica (1996) e Ribeiro (1996) são seminais na definição de padrões de uso do fenômeno no português falado. Mollica (1996) analisa uma amostra de fala popular (amostra CENSO) e observa que há 46% de uso da preposição *em* com o verbo *ir*; Ribeiro (1996) considera a fala culta do Rio de Janeiro (amostra NURC) e identifica uma redução no uso de *em* com o mesmo verbo, com 14% de ocorrências.

Considerando a diacronia e as descrições gramaticais acerca das preposições, Mollica (1996) aponta que há uma ordem crescente de formalidade entre estas preposições, sendo *a* a preposição tida como mais formal, *em* mais informal. As preposições *a* e *para* são citadas entre as preposições de movimento de forma unânime e *em*, apesar de ser citada por alguns gramáticos, quase sempre é acompanhada de ressalvas quanto ao seu uso com verbos de movimento, pois a indicação da norma padrão é que *em*

seja usada com verbos estativos. Mesmo com a prescrição da preposição *a*, as análises sociolinguísticas mostram que é crescente o desuso desta e crescente o uso de *para* e *em* no complemento locativo de verbos de movimento. Os estudos sobre a regência dos verbos de movimento, desde a análise precursora de Mollica (1996), estiveram em constante ampliação, seja nos verbos em análise ou nos demais condicionantes da variação.

Quadro 1. Sumarização dos resultados das variantes em análise

Variáveis	Resultados	Estudos
Configuração do espaço	[+fechado] é mais comum com <i>em</i> e <i>a</i> [- fechado] é mais comum com <i>para</i>	Wiedemer (2008) e Assis (2011)
Grau de definitude	Quanto [+definido] e [+determinado], mais comum com a preposição <i>em</i> Quanto [-definido] e [-determinado], mais comum com <i>a/para</i> .	Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Vieira (2009)
Traço permanência	[+ permanência] é mais frequente com <i>para</i> [-permanência] com <i>em</i> e <i>a</i>	Mollica (1996) Assis (2011)
Narratividade discurso	[+ narrativo] favorece a associação com <i>em</i> [- narrativo] favorece a associação com <i>a/para</i>	Vallo (2003)
Tipo de verbo	Os verbos <i>levar</i> , <i>vir</i> , <i>tr</i> e <i>sair</i> são mais comuns com <i>a/para</i> O verbo <i>chegar</i> é mais comum com <i>em</i>	Vieira (2009) e Assis (2011)
Material interveniente	[+material interveniente] apresenta maior uso com <i>em</i> [-material interveniente] apresenta maior uso com <i>para</i>	Assis (2011)

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apontam um padrão de similaridade de comportamento entre *a* e *em*, em oposição à *para*. Nas variáveis *configuração do espaço* e *traço de permanência*, *a* e *em* são condicionadas pelos mesmos fatores, em contraposição à *para*. Esse fato justifica a dissociação do controle das variantes *a* e *para*, diferentemente do que foi feito por Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Vieira (2009). As análises de Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Vieira (2009) consideram a oposição *a/para* X *em*; nesses casos, [+ fechado] é mais comum com *em* e [-fechado] com *a/para*. No estudo de Vieira (2009), que considera a oposição *a/para* x *em*, [+permanência] é mais comum com *a/para* e [-permanência] é mais comum com *em*. Wiedemer (2008)

identifica uma inversão. [-narrativo] favorece o uso de *em* [+narrativo] favorece *para*.

Os resultados também apontam que os padrões de uso variam em função da escolaridade e das variedades sociais e dialetais consideradas na amostra. Falantes com muitos anos de escolarização tendem a usar menos a preposição *em* que falantes com poucos anos de escolarização, o que pode ser considerado um efeito da atuação do padrão normativo. Também observamos uma diferença de uso entre amostras da região Sudeste/Sul e Nordeste, Já a preposição *a* parece estar em processo de desuso, de forma mais lenta em variedades de fala socialmente privilegiadas, como as de capitais. Tais resultados sugerem haver efeito de consciência sociolinguística no condicionamento desta variação.

3 Consciência linguística e emergência de padrões

A disseminação de uma mudança linguística está relacionada à sua aceitabilidade social está ligada à norma padrão, a língua codificada na gramática normativa. Aquilo que é contemplado, bem avaliado, prescrito ou sugerido pela norma padrão, é tido como modelo. A norma padrão é o modelo ideal de língua prescrito por gramáticas normativas, mas que não necessariamente reflete o uso real da língua. As variedades mais próximas desse padrão de “língua ideal” são socialmente prestigiadas, o que se afasta disso é estigmatizado.

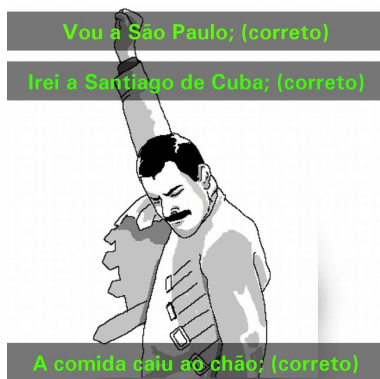
Considerando a dimensão societal da variação linguística (FREITAG, 2016b), na era digital, a aferição da estigmatização de variantes pode ser medida por meio do gênero textual *memes*, como nas figuras 1 e 2. Esse gênero se utiliza do humor para criticar aspectos sociais e dessa forma é possível entender de que forma determinadas variantes linguísticas são avaliadas socialmente.

Figura 1a. Meme com verbo ir de movimento



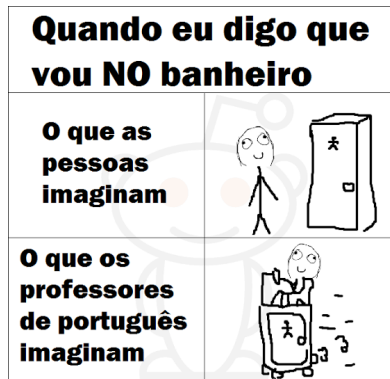
Fonte: Regido pelos memes (disponível em www.facebook.com/regidopelosomes)

Figura 2b. Meme com verbo ir de movimento



Fonte: Regido pelos memes (disponível em www.facebook.com/regidopelosmemes)

Figura 3c. Meme com verbo ir de movimento



Fonte: Amor aos memes (disponível em: <http://amor-aos-memes.blogspot.com>)

As figuras 1a e 1b fazem referência às noções de certo e errado difundidas por gramáticas de norma “curta” (FARACO, 2008), que são “preceitos normativos saídos, em geral, de purismo exacerbado que, infelizmente, se alastrou entre nós desde o século XIX” (FARACO, 2008, p. 94). A figura 1c alude ao ato dos professores de corrigir o aluno em uma frase recorrente do dia a dia escolar sob a justificativa de que a preposição *em* tem sentido de “estar em” e não de indicar o movimento de “ir em” algum lugar.

Na figura 1c, a oração “o que as pessoas imaginam” sugere que esse é um uso linguístico comum. Apesar de não ser abonado em gramáticas normativas, o uso de *em* com sentido de movimento é frequente e encontrado em diversos contextos linguísticos prestigiados ou não. Os estudos sociolinguísticos apontam para um uso crescente da forma *em* com sentido de movimento (WIEDEMER, 2008; VIEIRA, 2009, ASSIS, 2011). Já a preposição *para* é contemplada por prescrição de uso com verbos de movimento por parte das gramáticas normativas. De acordo com Mollica (1996), *a* é a variante considerada mais formal enquanto *em* é considerada mais informal e o uso de *para* é intermediário a essas duas. Apesar do grau de formalidade, o que se observa nos estudos sociolinguísticos é o crescente desuso de *a* em detrimento de *em* e *para*, até em contextos mais formais. Nesse sentido, o uso de *para* é considerado mais formal que *em*. Ainda que a preposição *a* esteja em desuso, o efeito normativo ainda é evidenciado: a preposição *para* apresenta maior uso em comunidades mais escolarizadas e o processo de mudança em curso que favorece a preposição *em* em relação à preposição *a* é mais lento em comunidades mais escolarizadas.

A mudança linguística sofre influência do efeito normativo, sobretudo em uma comunidade de prática em que a história cultural se confunde com a história da norma padrão, como é o caso da comunidade de práticas da

universidade. O uso da preposição *em* com verbos de movimento, por ser uma forma gramaticalmente menos privilegiada que *para*, tende a aparecer em menor proporção, mas em maior proporção que *a*. Para verificar esta hipótese, e para identificar padrões de recorrência das preposições associadas aos traços gramaticais controlados, apresentamos os resultados de uma investigação empírica em uma amostra de fala de universitários.

4 Produtividade de verbos locativos

No escopo do projeto *Como Fala, Lê e Escreve o Universitário* (FREITAG, 2018), adotamos a amostra *Deslocamentos (2019/2020)*, composta por 60 entrevistas sociolinguísticas de cerca de 1h de duração realizada entre universitários da Universidade Federal de Sergipe. Foram identificados 1041 contextos de ocorrências de complementos locativos de verbos de movimento introduzidos pelas preposições *a*, *para* e *em*. Foram identificadas as preposições *a(s)* e variante *ao(s)*, *para* e variantes *pra(s)*, *pro(s)* e *em* e variantes *numa*, *num*, *nesse*, *nessa*, *nisso*, *naquilo*, *naquele* e *ni* (RIBEIRO, 2019), ocorrências distribuídas entre 18 verbos de movimento que indicam deslocamento/trajetória. Do conjunto de dados, em 739 (71%) contextos ocorre a preposição *para*, 251 (24%) a preposição *em* e 48 (5%) a preposição *a*.

Quadro 2. Distribuição em ordem decrescente de quantidade de ocorrências cada verbo encontrado no conjunto de dados, com exemplificação dos usos e a porcentagem de cada preposição por verbo.

Verbo	Quantidade	Excerto	%
Ir	605	(GAB1FI) <i>l</i> meu irmão seguiu os passos do meu pai foi <i>para</i> o exército (GON1MF) já fui muito de ir <i>ao</i> cinema (FRA3MI) às vezes eu vou no Museu da Gente Sergipana	<i>para</i> : 75% <i>em</i> : 15% <i>a</i> : 5%
Vir	144	(MAI3MI) eu nunca tinha vindo <i>na</i> UFS então eu fiquei surpresa gostei (FER3FI) tinha muita vontade de vim <i>pra</i> uma universidade	<i>para</i> : 97% <i>em</i> : 3%
Entrar	78	(LAR1FI) me falaram que tem um laboratório de informática para o meu curso porém <i>para</i> você conseguir entrar <i>nesse</i> laboratório você tem que marcar hora	<i>em</i> :100%

l As letras e números dentro dos parênteses formam um código de identificação da amostra *Deslocamentos (2019/2020)*.

Chegar	53	(CAR1FF) comecei a me tremer quando eu cheguei <i>em</i> casa que eu vi meus pais (BAR3FF) tem criança que não tem como chegar <i>à</i> escola então se não tiver um ônibus se não tiver um lanche na escola um almoço muita gente vai parar de estudar (MIC4FF) quando eu cheguei <i>pra</i> lá (Piranhas-AL) [...] eu acabei fazendo algumas amizades que eu tenho até hoje	para: 2% em: 94% a: 4%
Voltar	48	(CLA2FI) aí o máximo que a gente vai <i>na</i> praça comer alguma coisa volta pra casa (ALE2FI) talvez depois de um tempo eu voltasse para morar <i>na</i> cidade mesmo agora pra morar no povoado eu acho que não (DAN1FF) já visitei todos os (museus) que tem em Aracaju porém assim a gente já viu então a gente às vezes não tem costume de voltar <i>ao</i> lugar	para: 87% em: 9% a: 4%
Sair	32	(ISA1FI) pras muitas crianças e pessoas sair <i>pra</i> escola às vezes é uma fuga de casa (ALI1FF) tem horários que a pessoa não pode (hes) sair <i>na</i> rua assim normalmente tranquilamente	para: 69% em: 31%
Mudar	23	(ALE2FI) eu tive que abrir mão de muita coisa pra me mudar <i>pra</i> cá	para: 100%
Viajar	20	(AMA3FI) se eu pudesse eu tava toda semana viajando <i>pra</i> lá (Salvador) ((RISOS)) (BIA4FI) eu já viajei <i>a</i> São Paulo mas foi muito pequena	para: 95% a: 5%
Levar	16	(DAN1MF) a biblioteca era aberta e aí depois podia pegar e levar <i>pra</i> casa e voltar (VAG2FF) quem for vai ter que me levar <i>na</i> cidade de Aparecida do Norte pra eu conhecer	para: 50% em: 50%
Subir	4	(CAR1FF) ele já subiu tantas vezes lá <i>na</i> secretaria lá na coordenação (CAR1FF) ele já subiu tantas vezes lá na secretaria lá <i>na</i> coordenação (ANT1MI) a gente subia em caminhão	em: 100%

		(MIR3FI) então minha infância sempre foi estudar pela manhã e à tarde era brincar e subir <i>em</i> árvores	
Deslocar	3	(IGO4MF) se for pensar pra se deslocar <i>em</i> grandes centros é melhor vim pra Aracaju do que ir pra Maceió (ISA4FI) hoje em dia em casa você consegue fazer tudo né então não precisa se deslocar <i>a</i> um local pra assistir um filme (AND4MF) na minha cidade não tinha (médico) e tive que me deslocar <i>pra</i> Paulo Afonso	para: 67% a: 33%
Retornar	3	(AND4MF) fiquei internado depois retornei <i>para</i> minha querida casa (LAR1FI) desde quando eu nasci eu só saí por três anos mas depois eu retornei <i>pra</i> o mesmo bairro (ELI2MI) eh eu sempre tive desejo de retornar <i>pra</i> São Paulo	para: 100%
Transferir	3	(DEY3MF) talvez nem lá tenha suporte para o que você te-tenha cê vai ser transferido <i>para</i> cá pra o HUSE (DEY3MF) talvez nem lá tenha suporte para o que você te-tenha cê vai ser transferido <i>para</i> cá pra o HUSE (DEY3MF) provavelmente vai faltar pessoal ou vai faltar material alguma coisa assim cê vai ser transferido <i>pro</i> hospital regional de Itabaiana	para: 100%
Botar	2	(CLA2FI) aí depois você volta pior aí te botam <i>pra</i> cá pro João Alves (CLA2FI) aí depois você volta pior aí te botam pra cá <i>pro</i> João Alves	para: 100%
Descer	2	(FRA3MI) já desci um pouco <i>pra</i> cá Petrolina (IGO4MF) Dom Pedro desceu pra lá (Porto Real do Colégio) eh do Colégio porque foi uma das primeiras cidades a ter colégio jesuítas né?	para: 100%
Locomover	2	(JOS2MF) lá não tem então tem que s- se locomover <i>pra</i> outra cidade	para: 100%

		(LUI4MI) várias oportunidades pra pessoas que não têm como se locomover <i>pra</i> outras cidades	
Trazer	2	(PAU4MF) tinha alguns caminhões que iam ia pra o Sul e outros lugares e trazia <i>pra</i> Alagoas (IGO4MF) depois eu arrumei emprego e tal e trouxe <i>ela</i> pra cá (Aracaju) ih a gente tá morando acho que já uns um tempinho já que uns três anos e meio ou quatro anos	para: 100%
Transportar	1	(BIA4FI) então as pessoas se transportam <i>para</i> a feira por uma questão eh de ter tumulto mesmo muita gente	para: 100%
Total	1041		

Fonte: Elaboração própria

O conjunto dos verbos de movimento que indicam deslocamento/trajetória não é homogêneo, o que significa que não podem ser considerados todos da mesma categoria. Há diferentes comportamentos na seleção das preposições por parte desses verbos, o que pode ser consequência da natureza semântica das preposições. Os resultados apresentam uma grande oscilação, não só na distribuição das preposições, mas na frequência absoluta de cada verbo. Neste conjunto de dados identificamos padrões de uso de outros verbos de movimento que ampliam o panorama de estudos já desenvolvidos sobre a variação na regência de complementos locativos.

Os verbos *ir, vir, voltar, sair, mudar, viajar, deslocar, retornar, transferir, botar, descer, locomover, trazer* e *transportar* estão associados à preposição *para*, e os verbos *entrar* e *chegar*, à preposição *em*. Enquanto a preposição *para* tende a estar mais ligada ao movimento em execução, a preposição *em* é mais frequente em verbos que enfocam o locativo e o fim da movimentação. A relação entre frequência de ocorrência e gramaticalização, no campo das preposições, é evidenciada por Kleppa (2005), o que explica o fato da preposição *para* ser mais incidente na maioria dos contextos linguísticos analisados quanto à regência de verbos de movimento, bem como de apresentar um sentido mais generalista que dá enfoque ao movimento em si. A preposição *em*, por sua vez, tende a indicar a finalização do movimento dando maior visibilidade ao locativo e, por isso, é mais específica, ocorrendo em uma quantidade menor de contextos.

A recorrência da preposição *a* é baixa, seguindo a tendência apontada por estudos sociolinguísticos das variedades de fala brasileiras. Por ser fonética e fonologicamente próxima a outros termos do português, essa preposição perde espaço entre os verbos de movimento e uma explicação é que a

preposição *a* acaba se confundindo com o artigo *a* (PONTES, 1992). Ainda, o afastamento gradual de variedades cultas brasileiras dos padrões lusitanos (LUCCHESI, 2003) abre espaço para a emergência de *em*, uso eminentemente brasileiro, tendo em vista que, no português europeu, a combinação dessa preposição com verbos de movimento é considerada agramatical (FARIAS, 2006).

No entanto, as indicações gramaticais brasileiras para o uso dessas preposições estão baseadas no português lusitano. O histórico terminológico da preposição *em* indica “dentro de” e seu uso com verbos de movimento não é privilegiado, do ponto de vista normativo. A alta frequência dessa preposição com verbos como *chegar* e *entrar* se explica pelo fato desses verbos apresentarem o traço de telicidade, caracterizado pelo fim do movimento.

A preposição, *para*, por sua vez, indica “percurso com direção” (CÂMARA JR, 1976), dessa forma, coloca em foco o movimento propriamente dito; em (1), o foco recai sobre a estada na universidade, em (2) o destaque é para o movimento de ida para o exército.

(1) (MAI3MI) eu nunca tinha vis-**vindo** *na* UFS então eu fiquei surpresa gostei.

(2) (GAB1FI) meu irmão seguiu os passos do meu pai **foi** *para* o exército.

Para a identificação dos padrões de recorrência das preposições na regência de complementos locativos, consideramos apenas os verbos de movimento com mais de cinco ocorrências no conjunto de dados – *ir*, *vir*, *entrar*, *chegar*, *voltar*, *sair*, *mudar*, *viajar* e *levar* – que totalizam 1016 ocorrências, divididas da seguinte forma: 722 com a preposição *para*, 247 com a preposição *em* e 47 com a preposição *a*.

De acordo com Talmy (2000), um dos componentes dos verbos de movimento é o *vetor*, que inclui os tipos básicos de meta, origem e percurso e estão fundidos à trajetória nas línguas românicas, de forma mais clara, os movimentos expressos pelos verbos tem direcionamentos diferentes e, a depender desses vetores as preposições são selecionadas. Verbos como *ir*, *mudar*, *sair*, *vir*, *voltar* e *viajar* têm em comum noções de movimento em execução, dando enfoque ao ponto de início do movimento, como em (3); por isso, a seleção da preposição *para* acontece porque esses verbos indicam movimentos em execução: como *para* enfatiza o movimento, tende a ser selecionada fazendo com que verbo e preposição atribuam juntos o papel temático.

(3) (GON1MF) quando a gente se **mudou** *pra* Coroa do Meio foi aparta- pra apartamento então já muda totalmente

Quanto aos verbos *chegar* e *entrar*, a seleção de *em* pode ser explicada pela noção de finalização, um indica a localização de término (*chegar*) e o outro o ingresso em determinado ponto (*entrar*). Sendo a preposição *em* usada com sentido de movimento e estatividade e a preposição *para* indicando apenas dinamicidade, é possível que a noção de estatividade se manifeste como estratégia para focalizar não o movimento, mas o ponto para o qual o movimento se direciona, como em (4).

- (4) (CAR1FF) **entrei** *no* ônibus ouvindo minha música quando eu desci [...] o cara desceu atrás de mim puxou minha bolsa

Os resultados enfatizam a forte ligação entre o verbo e a preposição na formação de uma unidade predicadora. O verbo indica o movimento e a preposição o local para onde o movimento se dirige. A preposição também pode indicar se objetivo informacional recai sobre o movimento ou sobre o local para onde o movimento se dirige, *para* tende a ser escolhida quando se quer dar enfoque ao movimento, *em* quando o objetivo é dar visibilidade ao locativo.

A seleção das preposições, está associada ao sentido que elas expressam: *em* pode ocorrer com verbos que expressam um movimento em execução como em (5) e *para* pode ocorrer com verbos que indicam finalização da movimentação como em (6), a depender do ponto para o qual se quer chamar atenção.

- (5) (BIA4FI) eu **vou** lá *na* (universidade) particular eh me formo mas quando eu saio num tenho emprego
(6) (MIC4FF) quando eu **cheguei** *pra* lá (Piranhas-AL) que eu era um pouco crescidinha

A ideia de trajetória expressa pelo verbo se combina com o sentido da preposição para indicar o movimento, e essa combinação pode resultar em diferentes situações: enfoque ao movimento; ao ponto de chegada; indicação de permanência, que, nesta análise, foram controlados em termos de traços binários.

Tabela 1. Distribuição das frequências e teste de associação para o uso das preposições em função dos traços controlados.

	Traço	preposição			Total	Significância
		a	em	para		
Permanência	[+ permanente]	5 0.8 %	103 16.7 %	507 82.4 %	615 100 %	$\chi^2=109.566(2)$, $p > 0.001$ $V^2=0.324$
	[- permanente]	43 10.1 %	150 35.2 %	233 54.7 %	426 100 %	
Configuração do espaço	[+ fechado]	27 5 %	199 36.6 %	317 58.4 %	543 100 %	$\chi^2=97.273(2)$, $p > 0.001$ $V^2=0.306$
	[- fechado]	21 4.2 %	54 10.8 %	423 84.9 %	498 100 %	
Definitude	[+ definido]	44 4.9 %	208 23.1 %	650 72.1 %	902 100 %	$\chi^2=6.251(2)$, $p=0.044$ $V^2=0.077$
	[- definido]	4 2.9 %	45 32.4 %	90 64.7 %	139 100 %	
Determinante	[+ determinante]	41 7 %	216 37.1 %	325 55.8 %	582 100 %	$\chi^2=149.224(2)$, $p > 0.001$ $V^2=0.379$
	[- determinante]	7 1.5 %	37 8.1 %	415 90.4 %	459 100 %	
Material interveniente	[+ material]	7 4.7 %	54 36.5 %	87 58.8 %	148 100 %	$\chi^2=14.215(2)$, $p=0.001$ $V^2=0.117$
	[- material]	41 4.6 %	199 22.3 %	653 73.1 %	893 100 %	
Narratividade	[+ narrativo]	11 2.7 %	101 25.2 %	289 72.1 %	401 100 %	$\chi^2=5.233(2)$, $p=0.073$ $V^2=0.071$
	[- narrativo]	37 5.8 %	152 23.8 %	451 70.5 %	640 100 %	
Total		48 4.6 %	253 24.3 %	740 71.1 %	1041 100 %	

A permanência no locativo é um dos traços mais associados ao uso das preposições, citada não só por gramáticos (DIAS, 1894; PEREIRA, 1916; BECHARA, 2009), mas também em estudos da língua em uso (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; WIEDEMER, 2008), indicando a noção de demora ou volta rápida do local para onde se dirige o movimento.

Os resultados obtidos seguem padrões identificados em estudos prévios (MOLLICA, 1996; VIEIRA, 2009; ASSIS, 2011): as preposições *em* (7) e *a* (8) são mais frequentes em contextos que indicam menor permanência no locativo. A preposição *para* (9) é a forma mais utilizada em contextos com traço [+ permanente].

Esse resultado reforça a hipótese de que a preposição *em* é uma provável substituta da preposição *a* na regência de verbos de movimento no português brasileiro, tendo em vista que a diferença de uso de *a* entre contextos com traços [+ permanente] e [- permanente] acompanha a tendência da preposição *em*. Kleppa (2005) explica que *a*, inicialmente, era usada para indicar menor demora no referente locativo, passou ao gradual desuso por conta do processo de branqueamento semântico (SWEETSER, 1988). A preposição *em* já era usada com sentido de direção no Latim clássico, tal como a preposição *a* no português, isso fez com que a tradução da preposição *em* para o português ocorresse como *a* (POGGIO, 2002); por isso, nas acepções de direção, *em* passa a ser semelhante semanticamente à *a* e se oponha à *para*, sobretudo, na noção de permanência.

A *configuração do espaço* diz respeito às características do locativo: locativos com traço [+ fechado] são lugares com entrada definida e que sejam cercados como “cinema”, “clube”, “Maracanã”. O traço [- fechado], além de espaços como “praia”, “cidade”, “Paraíba”, também se refere a locativos que indicam lugar indefinido e/ou abstrato (MOLLICA, 1996, p.155). A preposição *em* tem maior incidência com locativos de traço [+ fechado], como em (7), A preposição *para* tem maior associação com locativos de traço [- fechado], como em (8).

(7) (BAR3FF) é o sonho de todo mundo né **entrar numa**
(Universidade) Federal

(8) (MIR4FI) dentro da Bahia **fui pra** idades próximas que tem dentro da Bahia

A preposição *em* pode indicar “lugar onde” ou “lugar para onde” (DIAS, 1970), considerando que ela pode ser usada com verbos de movimento ou com verbos estativos. As ambiguidades interpretativas causadas por essas duas acepções fizeram com que gramáticos prescrevessem contextos de uso para esses termos e isso influenciou em sua utilização posterior. As preposições *a* e *em* se alternam entre noções dinâmicas e estáticas desde o latim vulgar (SAID ALI, 1964) e essa similaridade semântica permaneceu no português. Como a preposição *para* indica dinamicidade, provavelmente, a noção de “lugar onde” prevaleceu na preposição *em*, mesmo em contextos dinâmicos, com vistas a conferir maior especificidade.

A determinação do objeto é um traço em interação que, desde o trabalho precursor de Mollica (1996), é considerada conjuntamente com a definitude do objeto (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; VIEIRA, 2009).

Neste estudo, dissociamos o controle: a determinação do objeto tem por objetivo verificar a presença ou ausência de determinante entre o verbo e locativo; a definitude considera se o sintagma locativo é definido ou não (o que pode ou não se manifestar por um determinante).

A presença de determinante favorece o uso de *em* e *a*, enquanto a ausência de determinante é mais recorrente com a preposição *para*. De acordo com Castilho (2012), em alguns casos, a presença do artigo torna a referência altamente definida, o que significa que a presença de determinantes tende a ser mais frequente com locativos mais específicos. Considerando que a preposição *em* é uma preposição que dá enfoque ao objeto, a presença de determinantes, sobretudo de artigos, favorece seu uso porque confere maior especificidade ao locativo, como em (9). A preposição *para*, por sua vez, é pouco associada a determinantes porque tem sentido mais genérico, como em (10). A preposição *a* tem maior frequência relativa em contextos com determinantes, o que sugere que *em* e *a* tendem a ter uma proximidade semântica mais estreita que em relação à *para*.

(9) (MIR4FI) às vezes eh na maioria das vezes eh **vou** *no* shopping

(10) (PAU4MF) quando eu **vim** *praqui* (hes) pra UFS foi eu é eu tava em outro mundo sabe uma coisa bem maior

Quanto à definitude, espaços menos definidos favorecem o uso da preposição *em* e espaços mais definidos favorecem o uso de *para* e *a*. Este resultado pode ser efeito do grande uso da preposição *para* com nomes de cidades, como em (11), que são mais definidas. A preposição *em*, por sua vez, apresenta maior frequência relativa em ambientes menos definidos, como em (12).

(11) (PAU4MF) antigamente quando eu morava em Alagoas eu **ia** muito *pra* Maceió porque eu tenho família lá

(12) (ITA2MI) **ir** *numa* praia cê se diverte digamos assim de graça lá

A presença de material interveniente permite avaliar se a distância entre verbo e complemento locativo pode dar pistas da integração semântica entre verbo e complemento locativo, por meio da seleção de preposições. A presença de um elemento entre verbo e complemento locativo favorece o uso da preposição *em*, enquanto a ausência de elementos está associada a contextos com a preposição *para*, em (13) e (14), respectivamente, seguindo tendência já apontada por Assis (2011).

(13) (GAB1FI) é um caos se você for lá² no SUS é muita gente pra ser atendida

(14) (GON1MF) meu sonho sempre foi ir Ø pra Tóquio

O controle da narratividade do discurso, proposto por Vallo (2003), visa observar se o tipo textual narrativo influencia a seleção da preposição de regência de complementos locativos de verbos de movimento. No estudo de Vallo (2003), a preposição *em* é mais recorrente em contextos com traço [+narrativo]; no estudo de Wiedemer (2008), contextos que apresentam narratividade favorecem o uso da preposição *para*. Em nossa amostra, a distribuição não se mostrou estatisticamente significativa.

Os resultados de controle de traços e a associação às preposições, evidenciadas pela força da associação das variáveis permanência, configuração do espaço e definitude (V^2 de Cramer) reforçam a hipótese de que as preposições *em* e *para* estão em um processo de mudança em curso de especialização que favorece uma distribuição complementar sendo *para* indicadora de maior permanência nos locativos e dando maior enfoque ao movimento enquanto *em* tende a ser um elemento que confere maior especificidade ao locativo, se alinhando aos padrões de configuração do espaço. A seguir, apresentamos uma análise que considera a interação dos traços controlados e seu efeito na associação entre preposições, verbos e contextos.

5 Decisões condicionais para a regência de complementos locativos de verbo de movimento

A observação de um conjunto de dados permitiu a identificação de padrões de uso das preposições, que se manifesta pela associação entre uma preposição e um verbo, ou uma preposição e um traço controlado, em uma análise univariada. No entanto, na língua em uso, os traços se manifestam simultaneamente; o isolamento do traço, codificado como uma variável, é uma estratégia metodológica para possibilitar a observação, mas que não necessariamente reflete o modelo de gramática da comunidade. Para identificar a atuação dos diferentes traços controlados e seus efeitos na seleção de uma preposição para os complementos locativos de verbos de movimento, seguimos o protocolo de Freitag e Pinheiro (2020), para a árvore de decisões condicionais, e o de Freitag et. al. (2021), para a validação do modelo por aprendizado supervisionado de máquina.

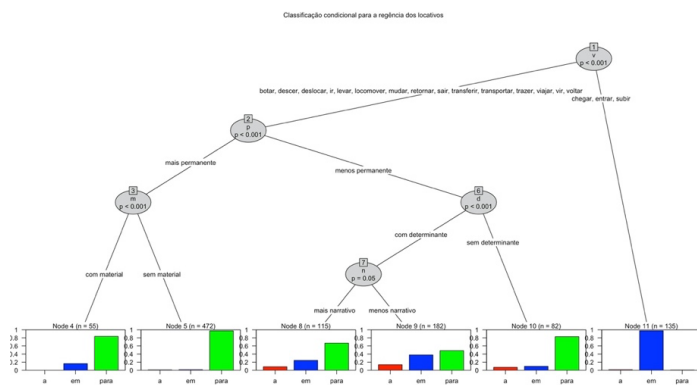
A aplicação de um modelo de árvore de decisão condicional permite identificar vieses de seleção de variáveis, além de servir a variáveis contínuas, ordinais e nominais (binárias ou enérias). São modelos simples de entender e

² Não controlamos esse elemento por número de sílabas que separam verbo e complemento locativo, apenas quanto à ausência ou presença de material.

de interpretar e que permitem identificar regularidades em conjuntos de dados em que há muitos níveis em cada variável, possibilitando visualizar sobreposições ou categorizações que não agregam significância ao modelo. (FREITAG; PINHEIRO, 2020). Esta é uma estratégia particularmente produtiva para conjuntos de dados que apresentam distribuição assimétrica, tanto quanto à quantidade de ocorrências por verbo, quanto à diversidade de preposições. O algoritmo permite identificar como cada nível interfere na seleção das preposições, indicando sobreposições e subgrupos por padrões de comportamento. Utilizamos a função `ctree` do pacote `partkit` (HOTHORN; ZEILEIS, 2015) da plataforma R (R CORE TEAM, 2021).

A árvore condicional da regência de todos os verbos de movimento com complemento locativos com mais de 5 ocorrências no conjunto de dados apresenta 11 nós de decisão (Figura 2). O primeiro nó que separa o padrão de comportamento das preposições na regência verbal é o verbo; os diferentes tipos de verbo separam os dados em dois grupos: 131 ocorrências com os verbos que são mais frequentes com a preposição *em* (*chegar* e *entrar*) e os 885 dados dos demais verbos que favorecem o uso da preposição *para* e também maiores ocorrências da preposição *a* (*ir*, *levar*, *mudar*, *sair*, *viajar*, *vir* e *voltar*).

Figura 4. Classificação condicional para a regência dos locativos nos verbos mais recorrentes.



Fonte: Elaboração própria

A associação entre o tipo de verbo e a preposição decorre de funções semânticas exercidas pelas preposições diretivas *a*, *para* e *em*. A preposição *em* tende a ser mais frequente com verbos que indicam a finalização do movimento (*chegar* e *entrar*). A associação pode ser resultado da presença de resquícios semânticos da noção estativa, que é projetada no sentido de finalização do movimento. A permanência é o nó que separa padrões de comportamento entre os verbos não estativos. A preposição *em* tende a indicar menor permanência enquanto *para* indica maior permanência. Esse fato é confirmado pela árvore condicional quando associa o traço de [+permanência]

aos verbos que apresentam maiores porcentagens de uso com a preposição *para*. O traço de permanência é decisivo para a escolha entre as preposições *a* e *para* entre os verbos não estativos: enquanto *para* está associada ao traço de [+permanência], *a* é mais associada ao traço de [-permanência]. Os nós 11, 12 e 13 apresentam ocorrências da preposição *a*, todos vinculados ao galho de [-permanência] de verbos não estativos (das 47 ocorrências de *a* no conjunto de dados, 42 estão ligadas ao traço de [-permanência]). Para entendermos o significado inerente a essas preposições, vejamos os exemplos em (15).

- (15) a. (LUI4MI) muitas vezes nós **vamos** *à* Bicen e nossa turma tem cinquenta e um alunos e só tem três livros de História da Psicologia então os três primeiros ganham a semana
 b. muitas vezes nós **vamos** *na* Bicen e nossa turma tem cinquenta e um alunos e só tem três livros de História da Psicologia então os três primeiros ganham a semana
 c. muitas vezes nós **vamos** *para a* Bicen e nossa turma tem cinquenta e um alunos e só tem três livros de História da Psicologia então os três primeiros ganham a semana

A oração em (15a) é ocorrência do conjunto de dados, (15b) e (15c) são paráfrases. Em (15a) e (15b), identificamos o traço de [-permanência], em (15c) o uso da preposição *para* pode passar a ideia de [+permanência]. Esse sentido não decorre apenas pela seleção da preposição: a BICEN (Biblioteca Central) é um locativo com características que oportunizam a interpretação de uma volta rápida ou demora, por isso é possível atribuir duas interpretações e a preposição pode contribuir para indicar qual delas é expressa.

- (16) a. (ITA2MI) eu gosto de sair com os ma- com os meus amigos ou pelo menos quando dava *pra* fazer isso eh **ir** *no* cinema
 b. eu gosto de sair com os ma- com os meus amigos ou pelo menos quando dava *pra* fazer isso eh **ir** *ao* cinema
 c. eu gosto de sair com os ma- com os meus amigos ou pelo menos quando dava *pra* fazer isso eh **ir** *para* o cinema

As orações em (16) parecem não ser tão dependentes do sentido das preposições; o traço de *tempo de demora pressuposto* pode explicar essa independência. Há uma ideia inferida socialmente de tempo de demora em um cinema, nesse caso, a troca de preposição parece não interferir no sentido global da oração quanto ao tempo de permanência no locativo. Há uma espécie de convergência do sentido das preposições na noção geral de movimento, não sendo necessário especificar o tempo de permanência no locativo.

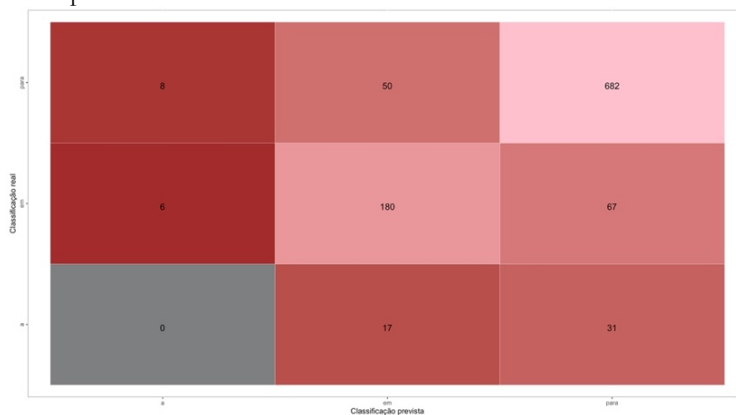
Essa particularidade pode explicar a variação e os diferentes valores assumidos pelas preposições: em complementos locativos com tempo de demora pressuposto, a variação tende a permanecer ativa, mas que em

locativos em que não há tempo de demora pressuposto, deve haver uma mudança em curso que favorece a especificidade de *para* e *em* e o desuso *a*.

O traço de [-permanência] de verbos não estativos se liga diretamente ao de determinação do sujeito, sendo o traço [+determinante] que favorece o uso de *em*. A presença de determinante é estratégia para evidenciar o locativo.

Para avaliar o desempenho de um algoritmo de classificação, a fim de verificar o poder de generalização da análise (FREITAG et. al, 2021), observamos a matriz de confusão da classificação implementada pelo algoritmo J48 no pacote WekaR (HORNIK; BUCHTA; ZEILEIS, 2009) na plataforma R (R CORE TEAM, 2021). O procedimento consiste em uma técnica de aprendizado supervisionado em que é replicada a análise em 10 sub amostras aleatórias do conjunto de dados original, e é gerada uma tabela de contingência entre os valores esperados e os valores observados. Em uma situação ideal, somente a diagonal deve ser preenchida; a razão entre a soma da diagonal e a soma de todas as colunas da matriz é o valor de acurácia do modelo, os resultados fora da diagonal indicam erros do tipo I (falso positivo) e erros do tipo II (falso negativo).

Figura 5. Matriz de confusão da classificação das preposições de complementos locativos de verbos de movimento.



Fonte: Elaboração própria

A acurácia do modelo é de 0.828, ou seja, se a análise for repetida, a taxa de acerto é de 82,8%. A observação das taxas de falso positivo e de precisão por tipo de preposição (tabela 2) indica que a preposição *para* apresenta a maior taxa de acurácia, no entanto, a taxa de positivo falso da preposição *em* é menor, o que sugere maior consistência no efeito dos traços controlados no modelo de análise.

Tabela 2. Acurácia e precisão do modelo de classificação por preposição.

Preposição	Taxa de positivo verdadeiro	Taxa de positivo falso	Acurácia
a	0.000	0.014	0.000
em	0.711	0.085	0.729
para	0.922	0.326	0.874
Total	0.828	0.253	0.799

Fonte: Elaboração própria

Os procedimentos de análise estatística utilizados para o agrupamento das preposições com base em critérios de aprendizado supervisionado permitem avaliar não só o desempenho dos fatores controlados, mas delinear a hierarquia de atuação dos traços na categorização de *em* e *para*.

6 Conclusão

A regência de complementos locativos de verbos de movimento no português brasileiro é variável, com diferentes preposições que, neste contexto, têm seu traço de significado característico neutralizado, configurando um domínio funcional variável com formas em competição. Padrões de comportamento sistemático, associando verbos e preposições, e contextos de uso e preposições, sinalizam para a regularização de uso em uma direção pontuada pelo prescritivismo, com restrição da preposição *em* e produtividade da preposição *para*, em um conjunto de dados extraído de uma amostra de uma comunidade de práticas universitária, imersa, portanto, no espaço de configuração da norma padrão. Este resultado evidencia o efeito da consciência sociolinguística para além dos níveis da fonologia.

A adoção de métodos de análise que consideram o aprendizado supervisionado de máquina permitiu a generalização dos resultados com maior segurança, com taxa de acurácia de 82,8% para o conjunto das preposições, mas com diferenças entre as preposições: enquanto *em* e *para* têm taxa de acurácia de cerca de 80%, a acurácia de *a* é zero, o que sinaliza para o não efeito dos traços controlados no modelo para esta preposição especificamente. Ao mesmo tempo, a alta taxa de acurácia do modelo valida os traços controlados como variáveis nos estudos prévios, contribuindo para o aprimoramento do tratamento descritivo do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ASSIS, T. S. B. **A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. revisada, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CÂMARA Jr., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, [1976], 1985.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, A. E. S. **Grammatica portugêza elementar**. 9ª ed. rev. Lisboa: A. Ferreira Machado, 1984.
- DIAS, A. E. da S. **Sintaxe Histórica do Português**. Lisboa: Clássica, 1970.
- FARACO, C. A. Norma culta brasileira: Desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARIAS, J. **Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu**: algumas notas. Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006
- FREITAG, R. M. K.; PINHEIRO, B. F. M. Modelo de árvore de inferência condicional para explicar usos linguísticos variáveis. In: CARVALHO, C.; LOPES, N. S.; RODRIGUES, A. T. **Sociolinguística e Funcionalismo**: vertentes e interfaces. Salvador: EDUNEB, 2020, p. 247-262.
- FREITAG, R. M. K. et. al. Funções da língua, generalização e reprodutibilidade. **Revista Abralin**, v. 18, n. 1, p.1-25, 2021.
- FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 36, p. 1-22, 2020.
- FREITAG, R. M. K. Kappa statistic for judgment agreement in Sociolinguistics. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, p. 1591-1612, 2019.
- FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. **ALFA: Revista de linguística**, 2021.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os Brasileiros Acham que Falam? Percepções Sociolinguísticas de Universitários do Sul e do Nordeste. **Revista todas as letras**, v. 18, p. 64-84, 2016.
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 32, p. 889-917, 2016b.
- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, p. 445-460, 2016a.

HORNIK, K.; BUCHTA, C.; ZEILEIS, A. Open-source machine learning: R meets Weka. **Computational Statistics**, v. 24, n. 2, p. 225–232, 2009.

HOTHORN, T.; ZEILEIS, A.. partykit: A modular toolkit for recursive partytioning in R. **The Journal of Machine Learning Research**, v. 16, n. 1, p. 3905-3909, 2015.

KLEPPA, L. **Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem** – ou “Vamo de a pé no carro do vovô?” Campinas: IEL / Unicamp, dissertação de mestrado, 2005.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cl.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MOLLICA, M. C. M. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167.

PEREIRA, E. C. **Grammatica Historica**. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1916.

POGGIO, R. M. G. F. **Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista**. Salvador: EdUFBA, 2002.

PONTES, E. **Espaço e Tempo na Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes, 1992.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021. Disponível em: <<https://www.r-project.org/>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

RIBEIRO, A. J. C. R. **Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

RIBEIRO, C. C. S. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Sobre o sincretismo de a e em no exprimir direção, em estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)**. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3 ed. Melhorada de aumentada de lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. In Shelley Axmaker, Annie Jaisser, and Helen Singmaster, eds., Berkeley Linguistics Society 14:

General Session and Parasession on Grammaticalization, 389-405. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society, 1988.

TALMY, L. **A Toward a Cognitive Semantics**. v.2. Cambridge: The MIT Press, 2000.

VALLO, M. A. G. do. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense**. Dissertação de Mestrado. UFPA, João Pessoa, 2003.

VIEIRA, M. J. B. Variação das preposições em verbos de movimento. **Signum: Estudos Linguísticos**, v. 12, n. 1, p.423-445, 2009.

WIEDEMER, M. L. **A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina**. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Recebido em 3 de maio de 2021

Aceito em 30 de julho de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Fernanda Gabrielle Costa Rodrigues é mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: rodriguesfernanda@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8060-8769>

Raquel Meister Ko. Freitag é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe, onde atua no do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Atualmente, estudo o processamento da variação linguística, observando pistas de atenção, reparos e emoções na fala e nos falantes.

E-mail: rko Freitag@uol.com.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>